




REVISTA DE ESTUDOS EM ARTES CÊNICAS
E-ISSN 2358.6958

Cartas para Ítala: a força da ameaça e o poder da ficção na Arte de Performance

Flávia Naves

Para citar este artigo:

NAVES, Flávia. Cartas para Ítala: a força da ameaça e o poder da ficção na Arte de Performance. **Urdimento** – Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 3, n. 52, set. 2024.

 DOI: 10.5965/1414573103522024e0302

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



A Urdimento esta licenciada com: [Licença de Atribuição Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) – (CC BY 4.0)



Cartas para Ítala: a força da ameaça e o poder da ficção na Arte de Performance¹

Flávia Naves²

Resumo

O presente artigo se apresenta como uma carta escrita por uma performer para outra performer, Ítala Isis. A amizade entre as duas artistas tece o tom da conversa que busca refletir sobre as efetivas possibilidades da arte em conter a violência contra corpos negros e em vulnerabilidade na cidade do Rio de Janeiro. Acontecimentos trágicos vividos pelas duas, como a execução da vereadora carioca Marielle Franco, são disparadores de Ações que encontram no pensamento de Felipe Ribeiro sobre a força da ameaça e de Jota Mombaça sobre o poder da ficção, caminhos para que novas formas de vida política aconteçam.

Palavras-chave: Arte de performance. Rio de Janeiro. Corpo Figura. Cartas. Amizade política.

Letters to Ítala: the force of threat and the power of fiction in Performance Art

Abstract

This article is presented as a letter written by a performer to another performer, Ítala Isis. The friendship between the two artists sets the tone for the conversation, which seeks to reflect on the effective possibilities of art in containing violence against black and vulnerable bodies in the city of Rio de Janeiro. Tragic events experienced by the two, such as the execution of Rio de Janeiro councilwoman Marielle Franco, are triggers for Actions that find in Felipe Ribeiro's thoughts on the power of threat and Jota Mombaça's thoughts on the power of fiction, ways for new forms of political life to take place.

Keywords: Performance art. Rio de Janeiro. Body Figure. Letters. Political friendship.

Cartas a Ítala: la fuerza de la amenaza y el poder de la ficción en el arte de la performance

Resumen

Este artículo se presenta como una carta escrita por una performer a otra performer, Ítala Isis. La amistad entre las dos artistas marca el tono de la conversación, que pretende reflexionar sobre las posibilidades efectivas del arte para contener la violencia contra los cuerpos negros y vulnerables en la ciudad de Río de Janeiro. Hechos trágicos vividos por ambos, como la ejecución de la concejala carioca Marielle Franco, son desencadenantes de Acciones que encuentran en las reflexiones de Felipe Ribeiro sobre el poder de la amenaza y de Jota Mombaça sobre el poder de la ficción, caminos para que tengan lugar nuevas formas de vida política.

Palabras clave: Arte de la performance. Río de Janeiro. Cuerpo Figura. Cartas. Amistad política.

¹ Revisão ortográfica, gramatical e contextual do artigo realizada por Danilo Mataveli. Doutorado e mestrado em Teoria Literária pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduação em Letras: Português e Literaturas de Língua portuguesa pela UFRJ.

² Doutorado em Performance pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Mestrado em Performance pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense (UFF). Graduação em Licenciatura em Artes Cênicas pela UNIRIO. ✉ flavianaves.naves@gmail.com

📄 <http://lattes.cnpq.br/5372155534944432>  <https://orcid.org/0000-0002-0109-9132>



Não vão nos matar agora porque ainda estamos aqui. Com nossas mortas amontoadas, clamando por justiça, em becos infinitos, por todos os lugares. Nós estamos aqui e elas estão conosco, ouvindo esta conversa e nutrindo o apocalipse do mundo de quem nos mata.

(Jota Mombaça)

Rio de Janeiro, entre os anos de 2021 e 2022

Ítala, minha querida amiga,

Sempre que penso em você uma força arrebatadora me toma. Apesar dos nossos corpos franzinos e das nossas imagens “frágeis” aos olhos covardes e descuidados, basta meu pensamento evocar a sua Figura para uma onda de coragem se aproximar de mim. Fecho os olhos e sinto essa onda lambe minhas feridas. A água salgada cura, mas arde.

Com a pele latejando relembro um acontecimento que se deu no ano de 2007. Estava eu passando por uma banca de revista quando me deparei com a foto de uma mulher estampada nos maiores jornais do País, a imagem focava apenas o seu rosto, era perceptível que algumas lágrimas haviam escorrido fazendo uma marca mais clara em sua pele negra, ela tinha a mão esquerda apoiada na testa, o que mais me chamou atenção foi o seu olhar vagando no horizonte, um dos olhares mais tristes que eu já vi.

A mulher era Edna Ezequiel, moradora do morro dos Macacos, localizado no bairro de Vila Isabel, zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Edna havia acabado de perder a filha Alana, de 12 anos de idade, vítima da violência policial e do Estado³. Ao me deparar com a foto da Edna não pude mais seguir meu caminho, fiquei um bom tempo parada completamente atônita. A tristeza paralisa, como você mesma me disse no nosso último café aqui em casa. E completou: “a raiva não, ela nos mantém vivas”.

E eu me lembro de sentir tristeza e também muita raiva quando no dia 22 de abril de 2014 o dançarino Douglas Rafael⁴ (conhecido como DG) de 26 anos de

³ A foto com a reportagem sobre Edna Ezequiel e a morte de sua filha Alana pode ser vista através desse link: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/inde06032007.shl>. Acesso em: 24 jun. 2024.

⁴ Reportagem sobre a morte de Douglas Rafael pode ser vista em:



idade foi executado por um policial quando tentava escapar de uma operação na favela Pavão Pavãozinho, no bairro de Copacabana, zona sul do Rio. O tiro foi pelas costas. Mais uma execução envolvendo um corpo negro. No entanto, diferente de 2007, quando fiquei paralisada diante da morte da Alana, no ano de 2014 eu pesquisava a Arte de Performance e praticava o “corpo Figura”⁵, forma que encontrei para ressignificar marcas e feridas patriarcais e coloniais através da composição poética e política das materialidades que vestem os corpos. É o contexto sóciopolítico quem dita a composição de cada Figura que eu passo a performar nas ruas da cidade.

Foi no contexto da morte de Douglas Rafael e da memória da morte da Alana que o sentimento de impotência e de tristeza diante de tais acontecimentos se converteu em Ação. Decidi compor uma Figura vigilante que fosse capaz de proteger corpos negros e em vulnerabilidade na cidade do Rio de Janeiro.

Busquei em meus pensamentos imagens de proteção. A primeira que surgiu foi a das carrancas com suas bocas bem abertas e dentes afiados. Outra imagem que apareceu com força foi a Figura vermelha de Iansã, senhora das tempestades, orquestradora do vento e dos mortos. Junto com ela surgiu a de um caboclo com suas vestes de pássaro. Olhei para o meu corpo e imaginei chifres nele acoplados, uma imagem de proteção e de guerra. Com todos esses elementos povoando meu imaginário fui ao encontro do amigo artista visual e diretor de arte Rui Cortez⁶ e pedi que me ajudasse a compor essa Figura em meu corpo.

No dia 20 de novembro de 2014, com os pés descalços, o corpo coberto por barro, a boca escancarada mostrando os dentes, chifres colados em meus peitos e vagina e carregando um cajado-tocha, caminhei pelo bairro de Vila Isabel em direção à praça Barão de Drummond, ao chegar lá me posicionei de costas para o Morro dos Macacos, local em que Alana foi assassinada, acendi o cajado-tocha e

<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/douglas-rafael-mais-um-amarildo-6136/> Acesso em: 24 jun. 2024.

⁵ A ideia de corpo Figura começou a ser desenvolvida durante o meu mestrado em Estudos Contemporâneos das Artes na Universidade Federal Fluminense (UFF), a dissertação homônima defendida no ano de 2016 pode ser lida através do link: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3927610

⁶ Para saber mais sobre os trabalhos de Rui Cortez, acesse: www.ruicortez.com.br.

ali, com o fogo aceso, firmei os pés no chão e permaneci imóvel em estado de vigília até que a chama se apagasse.

Figura 1 - GUARDyã. Vila Isabel, RJ. 2014. Foto: Carolina Calcavecchia



“ELA ESTÁ AQUI PRA NOS PROTEGER, PRA PROTEGER O MORRO DOS MACACOS, É UMA HONRA PRA GENTE”. “HOJE É QUE DIA? DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA E A GENTE É O QUE? ELA É BRANCA, MAS TÁ AQUI COM A GENTE”. “A GENTE ESTAVA ESPERANDO ALGUMA COISA E ELA CHEGOU”. “A GENTE SE SENTE ABANDONADO, MAS AGORA ELA ESTÁ AQUI”. “ELA DEVE SER BONITA, MAS TÁ FEIA QUE NEM O DIABO!” “ELA É BRANCA MAS TEM BUNDA DE PRETA”. “O QUE É ISSO NA BOCA DELA? PARECE UMA MÁSCARA”. “OLHA, ELA TEM TATUAGEM”. “ELA TÁ CHEIA DE TERRA NO CORPO”. “ELA TÁ INDO EMBORA, VAMO JUNTO!” “ELA PARECE INDÍGENA, MAS ESSE NEGÓCIO NO PEITO DELA, NÃO ME LEMBRO DOS INDÍGENAS USAREM ISSO”. “ELA DEVE TER CASA, O PÉ DELA NÃO É PÉ DE QUEM MORA NA RUA”. “ELA ME EMOCIONOU”. “A MIM TAMBÉM”. “SAI DAQUI ENCOSTO”. “ASSIM EU ME APAIXONO!” “AGARRA ELA POR TRÁS!” “NÃO MEXE COM ELA NÃO. ELA É UMA ESTÁTUA, UMA IMAGEM, UMA FIGURA.”

Figura 2 - GUARDyÃ. Vila Isabel, RJ. 2014. Foto: Carolina Calcavecchia



A praça estava repleta de crianças de variadas idades. Assim que parei e acendi a tocha, elas começaram a se aproximar. Aos poucos foram perguntando umas para as outras quem eu era, porque eu estava vestida daquele jeito, porque eu não me mexia. A mãe de uma delas se interessou pelo que viu e começou a conversar com as pessoas à minha volta e, assim ela ficou sabendo que eu era uma GUARDyÃ e estava ali para proteger aquela região e as pessoas que nela se encontravam.

Então, essa mãe se aproximou das crianças e começou a fazer perguntas como forma de fazê-las refletir sobre o que viam. “Hoje é que dia?” Ela perguntou. “O dia da consciência negra”, responderam. “Olhem pra ela, ela está aqui para proteger a gente, ela é uma GUARDyÃ. Ela é branca que nem eu, não é?” Perguntou a mãe. As crianças responderam que sim. “Mas, ela está aqui com vocês e eu também”, completou. A conversa continuou por mais algum tempo até que só restaram os olhares curiosos e os sorrisos tímidos das crianças. Mais de uma hora depois, quando o fogo se apagou, comecei a me mover para fazer o caminho de volta. Ao perceber que a Figura se deslocava uma das crianças gritou: “vamos junto

com ela!”

Figura 3 - GUARDyÃ. Vila Isabel, RJ. 2014. Foto: Carolina Calcavecchia



As crianças me acompanharam por um bom trecho da avenida até que decidiram retornar para a praça. Eu continuei caminhando e refazendo o caminho de volta. Na sala do meu apartamento, na companhia de amigas e amigos, retirei parte por parte da vestimenta. Eu estava profundamente emocionada, senti um manto de proteção me cobrindo, as vozes das crianças e seus olhares curiosos me regaram de carinho e cuidado. Abraço meu corpo e choro. Um choro de alegria pelos encontros, choro de tristeza pela morte da Alana e de tantas outras crianças. Choro pela mãe que perdeu sua filha. Choro pela mãe que perdeu seu filho. Choro de agradecimento por estar viva.

Ítala,

Performar a GUARDyÃ na praça Barão de Drummond, no dia da consciência negra foi um dos momentos mais emocionantes que eu já vivi, mas oito dias depois, cinco garotos negros e não-brancos moradores de Costa Bastos, bairro do



subúrbio carioca, na zona norte, foram alvejados quando saíam de uma festa em Madureira em direção às suas casas. Carlos, Cleiton, Roberto, Wesley e Wilton, garotos entre 16 e 25 anos comemoravam o primeiro emprego de um deles quando o carro em que estavam foi metralhado por policiais conhecidos como parte do batalhão que mais mata no Rio de Janeiro. Foram 111 tiros disparados contra o carro. Não houve confronto, não houve troca de tiros. Os policiais tentaram alterar a cena do crime que ficou conhecida como a chacina de Costa Bastos⁷, mas foram presos em flagrante. Oito dias apenas Bichinha, e eu recebo essa notícia.

Minha amiga, me diga uma coisa, se nós estivéssemos lá fazendo a vigília daqueles meninos, será que eles ainda estariam aqui? Se a GUARDyÃ estivesse com sua tocha acesa e seus dentes à mostra será que os garotos estariam vivos?

O que precisa ser feito para conter a violência contra corpos negros e vulneráveis nessa maldita cidade que escolhemos para viver?

De que forma eu, você, nós, enquanto propositoras de ações estéticas e políticas, enquanto pesquisadoras e praticantes da arte de Ação, conseguimos efetivamente dismantelar, coibir e conter a violência contra esses corpos?

Até que eu consiga ser capaz de te dar alguma resposta a essas perguntas, vou seguir lembrando outros acontecimentos difíceis pelos quais passamos juntas e os diferentes modos que encontramos para lidar com a violência cotidiana.

Rio de Janeiro, 14 de março de 2018.

É noite, chove. Entro no quarto encontro Andrêas, meu companheiro, com o celular na mão, ele me olha e diz que Marielle foi executada. Perco o chão, entro em desespero e ligo imediatamente para você. Do outro lado da linha você diz apenas: “Bichinha”, forma carinhosa com que tratamos uma à outra, eu mal consigo te responder. Havia mais silêncio e lágrimas que palavras nesse telefonema. Era inacreditável.

⁷ Reportagem sobre a chacina de Costa Bastos pode ser vista em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/12/mais-de-100-tiros-foram-disparados-por-pms-envolvidos-em-mortes-no-rio.html>. Acesso em: 24 jun. 2024.



Marielle Franco, vereadora da cidade do Rio de Janeiro, mulher negra, bissexual, mãe e cria da favela da Maré, liderança importante na luta pelos direitos das minorias, havia sido executada quando saía de um evento na Lapa em direção a sua casa. Era por volta de nove da noite quando o carro em que ela estava foi alvejado por treze tiros. Quatro atingiram seu rosto e três o motorista Anderson Gomes. Os dois morreram na hora.⁸ Não houve nenhuma preocupação em caracterizar o ato como um crime comum, deixando evidente que se tratava de um feminicídio político: um crime de ódio contra uma mulher que era uma liderança importante na luta pela democracia e pelos direitos humanos.

Ítala,

Em sua tese “Costuras Errantes”, você diz ter assistido a um vídeo no qual a antropóloga feminista Rita Laura Segato fala sobre o porquê do assassinato de Marielle se tratar de um feminicídio. Para ela, é considerado um feminicídio “na medida em que não se mata apenas uma pessoa, mas uma maneira de fazer política, uma proposta de gestão da vida que não é a mesma dos homens. Nesse caso, a sujeita que morre, morre como uma trabalhadora da história das mulheres” (Araújo, 2021, p. 71).

A morte da Marielle nos marcou profundamente alterando significativamente nossas pesquisas e proposições artísticas e de vida. É você quem diz em sua tese: “o assassinato de Marielle tornou-se um marco tanto nesta pesquisa quanto na minha vida. Todas as leituras sobre feminicídio e resistência negra feminina ganhavam outra dimensão, outra proximidade. Uma mistura de raiva e tristeza emergiu” (Araújo, 2021, p. 55).

Mais adiante você diz que precisou parar de pesquisar sobre a morte e a vida de Marielle por uma questão psíquica e emocional, precisou se afastar do assunto. O rosto da Marielle que estava sendo por você bordado foi interrompido e assim permanece até hoje. Você seguiu sua pesquisa bordando outros rostos de mulheres que fizeram de suas vidas uma luta constante contra a violência sobre

⁸ Reportagem sobre o assassinato de Marielle e Anderson pode ser vista em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/vereadora-do-psol-marielle-franco-e-morta-a-tiros-no-centro-do-rio.shtml> Acesso em: 24 jun. 2024.



corpos femininos. Queria eu bordar ali o seu rosto.

Ao contrário de você, Bichinha, não conheci Marielle pessoalmente, mas conhecia muito bem sua luta política em defesa do direito das mulheres e das minorias. Acompanhei um pouco do seu trabalho na Câmara dos Vereadores e sempre que a escutava falar eu me enchia de esperanças. Eu, assim como 40 mil pessoas, votei nela para vereadora da cidade do Rio de Janeiro no ano de 2016. Marielle era gigante, o que ficou evidente nas manifestações que se espalharam pelo mundo pedindo justiça por ela.

Mas, os dias foram passando e a demora em obtermos uma resposta sobre quem a matou, quem a mandou matar e por que matou foi se enfraquecendo.

Eu não conseguia sossegar ao imaginar que os assassinos e mandantes do crime pudessem ficar impunes. Como não sucumbir à tristeza e à indignação diante de tal acontecimento? Eu já havia encontrado o caminho: precisava colocar meu corpo em Ação.

Perto de completar dois meses da execução de Marielle e Anderson, decidi me vestir da pergunta QUEM MATOU MARIELLE? e não a desvestir mais até que esta fosse respondida, ou até meu limite psicofísico.

Liguei para você e conversamos sobre a Ação. Eu disse que gostaria de inscrever esta pergunta em minhas roupas, na altura do peito. Pedi dicas de como elaborar o material para tal inscrição, você disse que teríamos que fazer um estêncil com a frase e, em seguida, grafitar as roupas com jets. Como você se prontificou a me ajudar na confecção do material, no dia seguinte fui ao seu encontro em um dos pátios da UERJ e ali, juntas, preparamos o estêncil. Comprei um jet da cor preta, outro da cor branca (que se destacam bem em roupas coloridas) e um da cor vermelha (que ganha um bom destaque em roupas claras). Já em casa, abri o guarda-roupa e escolhi peça por peça para ganhar a inscrição da pergunta. Para roupas estampadas, em que a pergunta grafitada não ficaria legível, recortei alguns tecidos em formato retangular e ali a inscrevi. Dessa forma eu poderia pregar o pedaço de tecido com alfinetes nas roupas estampadas ou naquelas que eu gostaria de preservar intactas.

Figura 4 - Maio de 2018. Arquivo pessoal



No dia 14 de maio de 2018, dei início à Ação, nesse mesmo dia decidi que eu faria um registro diário dela em alguma paisagem do meu cotidiano e que suprimiria em todas as fotos a minha cabeça, subvertendo a lógica das selfies para que a pergunta inscrita em meu peito ganhasse maior destaque que o meu rosto.

Figura 5 - 139 dias de Ação QUEM MATOU MARIELLE? Setembro de 2018.
Arquivo pessoal.



Figura 6 - 181 dias de Ação QUEM MATOU MARIELLE? Novembro de 2018.
Arquivo pessoal.



Figura 7 - 245 dias de Ação QUEM MATOU MARIELLE? Janeiro de 2019.
Arquivo pessoal.



Bichinha, quando iniciei a performance acreditava que a pergunta inscrita em meu peito seria respondida em breve, mas dias e meses se passaram e nada de obtermos resposta. Quando completei 145 dias de ação, já estávamos com 6 meses sem Marielle, 6 meses sem saber quem matou e quem mandou matar, me desfiz dos pedaços de tecido que eu pregava com alfinetes em algumas peças de roupas, abri novamente meu guarda-roupa. Lá, encontrei algumas roupas que por apego eu havia separado para não serem grafitadas e, dessa vez, inscrevi a pergunta em todas as roupas que eu consegui. Aquelas que não puderam ser grafitadas, eu descartei. A pergunta se colava cada vez mais ao meu corpo e a possibilidade de resposta parecia ficar cada vez mais distante.







Além do registro diário das fotos, passei também a anotar diariamente conversas e interações das pessoas com a Ação. Em algumas delas me emocionei profundamente, em outras me vi completamente raivosa, como quando ao ler a pergunta inscrita na minha roupa respondiam: “ela matou ela”, ou “ela fez por onde!”.

Uma das interações mais violentas aconteceu no dia 04 de agosto de 2018. Já estávamos quatro meses sem resposta e com 82 dias de ação. Eu passeava pela feira no bairro de Fátima, centro do Rio, quando um homem branco e bem vestido, aparentando ter por volta dos 50 anos, se destacou de um grupo de homens com as mesmas características que ele e passou por mim dizendo em voz alta: “quem matou Marielle foi a língua dela!”

Para esse grupo de homens Marielle foi assassinada porque falou demais, se colocou demais, para eles a maior “afronta” de Marielle foi ter sido uma mulher negra com poder de fala. Colocações como a desse homem apenas reforçam a herança patriarcal e colonial que insiste em querer manter corpos femininos e racializados em regimes de opressão.

A filósofa Grada Kilomba, mulher negra de origem portuguesa, inicia seu livro “Memórias da Plantação” evocando uma imagem que ela viu e ouviu falar muitas vezes durante toda a sua infância: é a imagem da escravizada Anastácia portando uma mordaza conhecida como máscara de flandres, um aparato feito de aço que tampava completamente a boca da pessoa e era trancado na nuca por um cadeado impedindo que a pessoa se alimentasse. Essa é a versão oficial da máscara que perdura durante séculos, mas, em seu livro, Grada diz que a principal função não era evitar a ingestão de alimentos e, sim, impedir que tais pessoas falassem. Afinal o que a máscara fazia era silenciar vozes:

oficialmente, a máscara era usada pelos senhores brancos para evitar que africanos/as escravizados/as comessem cana-de-açúcar ou cacau enquanto trabalhavam nas plantações, mas sua principal função era implementar um senso de mudez e de medo, visto que a boca era um lugar tanto de mudez quanto de tortura. Neste sentido, a máscara representa o colonialismo como um todo. Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento dos(as) chamados(as) ‘Outros(as)’: Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar? (Kilomba, 2010, p. 16).



Marielle Franco, no exercício político profissional e de vida, era a mulher negra desimpedida de falar, ela representava a quebra da mordaza e a legitimação do poder de fala de corpos negros, incomodando, atormentando e ameaçando a hegemonia do poder supremacista branco.

Em “Feminismos negros e ações estético-políticas na contemporaneidade” você e Denise refletem sobre o medo branco da fala negra, observando a capacidade que os corpos de mulheres negras possuem em se tornarem:

suporte ativo de uma escritura de resistência, incluindo aí o ato de fala, capaz de comunicar, ou pelo menos inspirar em seus pares, possibilidades de insurgência contra diversos espectros de poder e dominação, ou ainda denunciar e lembrar a existência desses espectros à sociedade (Araujo e Santo, 2021, p.90).

Perguntar “Quem matou Marielle?” se tornou uma forma de não só pedir justiça por ela e perpetuar sua memória, como também denunciar a prática de dominação e extermínio da população negra no Brasil. Não à toa, a maioria das pessoas que interagiram com a Ação fazendo algum comentário maldoso ou arriscando alguma resposta racista e misógina foram homens brancos, bem vestidos, entre 50 e 60 anos.

Já mulheres e homens negros e não brancos em situação de rua, das mais variadas idades, interagiram com frequência e suas colocações demonstravam solidariedade e desejo de justiça por Marielle, assim também como as crianças.

Era dia 12 de março de 2019, dois dias antes de completar um ano da morte de Marielle eu já estava com 303 dias de Ação, noticiários espalhavam a informação que haviam encontrado os homens que a mataram, enquanto eu andava pelas ruas da Lapa uma mulher negra em situação de rua passou por mim, leu a pergunta inscrita em meu peito em voz alta, se aproximou do meu corpo e buscou meu ouvido como quem conta um segredo: “sabe por que encontraram os caras que mataram Marielle?”, ela disse. Eu respondi que não. “Foi o samba da mangueira, menina! O samba da mangueira que fez isso, foi ele que explodiu isso tudo!” Disse ela se afastando de mim e seguindo seu rumo.

E de fato, poucos meses antes de recebermos a notícia dos assassinos, a mangueira foi campeã do carnaval carioca de 2019 com o samba enredo “histórias

para ninar gente grande”⁹, que homenageava Marielle, na minha opinião, um dos sambas mais bonitos e emocionantes dos últimos tempos.

No dia seguinte a esse encontro comprei blusas de variadas cores, confeccionei outro estêncil, porém, dessa vez com a pergunta: QUEM MANDOU MATAR MARIELLE?

Figura 10 - 311 dias de Ação “QUEM MATOU MARIELLE?”. Março de 2019.
Arquivo pessoal.



No dia 02 de fevereiro de 2019, dia de Iemanjá, descobri que estava grávida. Meu corpo foi abrindo espaço para um novo corpo que crescia dentro de mim. Perto de completar um ano de Ação e um ano e dois meses sem resposta, senti que carregar a pergunta e mais uma criança era peso demais. No dia 14 de maio de 2019 com 365 dias de Ação decidi parar, tomar fôlego e dar atenção para vida que se nutria de mim.¹⁰

⁹ A letra do samba-enredo “histórias para ninar gente grande” pode ser vista em: <https://www.lettras.mus.br/mangureira-rj/samba-enredo-2019-historias-para-ninar-gente-grande/>. Acesso em: 24 jun./2024.

¹⁰ Todos os 365 registros fotográficos da Ação, bem como os relatos das conversas podem ser vistos na página do Instagram @acao_quem_matou_marielle.

Figura 11 - 346 dias de Ação QUEM MATOU MARIELLE? Arquivo pessoal.



Ítala,

enquanto eu buscava modos de fazer justiça a uma mulher negra parlamentar assassinada, você buscava proteger uma mulher negra parlamentar viva. Estou falando de MANTO DE PROTEÇÃO PARA RENATA SOUZA, Ação criada por você para proteger a deputada estadual Renata Souza dos ataques racistas e machistas que ela estava sofrendo durante seu mandato na cidade do Rio de Janeiro.

Foi no Morro da Conceição, zona portuária do Rio e bairro de sua moradia que pude ver você em Ação pela primeira vez costurando o manto de proteção. Estávamos no mês de julho do ano de 2019, nós participávamos de uma das edições do espaço laboratorial de múltiplas linguagens A MESA¹¹. Nessa edição fui convidada a propor uma exposição de Ações que dialogassem com o feminicídio político que acometeu Marielle. Participei da exposição com minhas Ações e

¹¹ O espaço laboratorial de múltiplas linguagens A MESA pode ser visto no site: <https://www.facebook.com/experienciamesa> Acesso em: 24 jun. 2024.



convidei você a estar com seu MANTO DE PROTEÇÃO.

Em uma troca de áudios você me relatou que a ideia da costura surgiu ao se deparar com a notícia que Renata, umas das sementes de Marielle, eleita em 2018, estava sendo alvo de ataques racistas e machistas¹². Em sua tese, você diz sobre a sua motivação para costurar o manto:

a presença de um corpo de mulher negra na condição de representante política, num espaço como a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, incomoda. Sobretudo quando essa mulher recusa um lugar de submissão, historicamente destinado aos corpos negros, e não se deixa interromper. Considerando que essa luta se dá no âmbito do corpo, imaginei uma maneira de fortalecer Renata. Um manto de proteção confeccionado através de frases expressando solidariedade à deputada (Araujo, 2021, p. 84).

As frases foram coletadas nas redes sociais, nos espaços públicos e na sua própria rede íntima de amigades, a costura foi feita por amigas e amigos em encontros casuais na sua casa. Por áudio você disse que em alguns momentos as pessoas chegaram a levar o manto para ser costurado em suas próprias casas e, posteriormente, devolvidos a você, em outros momentos a costura se fez em conjunto no espaço público, como durante a exposição.

Lembro do pedaço de tecido aberto sobre uma das mesas de cimento da praça localizada na rua Jogo da bola no morro da Conceição. Enquanto costurava você convidava as pessoas que por ali passavam a costurar junto com você. Em nossa troca de áudios você me disse que naquele dia apareceram algumas crianças curiosas para saber o que você estava fazendo e sobre quem era Renata e quem era Marielle. Naquele dia, adultos e crianças se reuniram ao redor do manto e ali, enquanto bordavam, conversaram sobre política, corpo e cidade, costurando linhas e também memórias.

Você decidiu entregar o manto em um comício que a Renata faria durante a sua campanha para a disputa da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro no ano de 2020 e caminhou a pé da sua casa no morro da Conceição até a Lapa carregando o manto e um pé de manjerição, por ter o manjerição, assim como você me relatou por áudio, “um axé forte de proteção”. Mas o comício foi cancelado e a entrega da

¹² Reportagem sobre as ameaças sofridas por Renata: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/03/15/desinformacao-perseguido-deputada-renata-souza>. Acesso em: 24 jun. 2024.

vestimenta e da planta ficou a cargo da assessora da campanha da Renata que, no dia seguinte, enviou para você uma foto da deputada vestida. Renata retribuiu o carinho com mensagens de agradecimento em suas redes sociais.

Figura 12 - Ação MANTO DE PROTEÇÃO PARA RENATA SOUZA. 2019. Foto: Ítala Isis.



Figura 13 - Ação MANTO DE PROTEÇÃO PARA RENATA SOUZA. 2019. Foto: Ítala Isis.





Imagino Renata vestindo o manto, imagino a textura e o peso do tecido sobre a sua pele, imagino seu corpo ganhando novos significados e novas percepções ornado por tantas cores, palavras, memórias, símbolos e cheiros. Imagino ela saindo de casa e botando o pé na rua se sentindo amparada e protegida. Imagino o sol da manhã batendo nas suas costas iluminando o seu rosto bordado por cima de um girassol e os raios que dele emanam espalhando proteção por toda a cidade, imagino nunca mais nenhuma mulher negra sofrendo violência, nenhuma mulher assassinada, nenhum corpo negro tombado ao chão, nenhum corpo vulnerável sofrendo nenhum tipo de opressão. Deixo meu imaginário ganhar asas e me dar um pouco de trégua, mas antes do sol se pôr, volto a lembrar que estamos em guerra.

Rio de Janeiro, data e ano de hoje.

Ítala,

Há anos buscamos com nossas proposições estéticas e políticas justiça e proteção para corpos negros e vulneráveis na cidade do Rio de Janeiro, mas a violência persiste e o extermínio continua sendo diário.

Se não conseguimos efetivamente dismantelar, coibir e conter a violência contra tais corpos, onde está a força das nossas Ações?

Encontro nos pensamentos da escritora e artista Jota Mombaça e do professor e artista Felipe Ribeiro pistas para uma possível resposta. Através de seus escritos compreendo que a força das nossas Ações talvez não se encontre na efetividade do ato, não se trata de conseguir efetivamente banir a violência, mas sim de ameaçar ruir o sistema patriarcal e colonial e suas ficções de poder com o poder de nossas ficções.

Felipe Ribeiro, em sua tese “Ruminações: a arte de performance entre o prazer e a resistência”, de forma inusitada e contrarrevolucionária, evoca o cu, dispositivo contrassexual de produção vital, para refletir sobre a força da ameaça ao regime patriarcal e falocêntrico:

Fantasmática e projetiva a ameaça anal se cria como um duplo, um espelho que coloca a reflexividade da virilidade arcaico-colonial na pauta do dia. Sua insistência é uma forma de presença, um investimento sisudo



na prudência, que negocia limites para evitar chegar às beligerâncias de fato. Situada um passo atrás, quiçá sua força seja dotada de uma potência infantil, e certamente constitui-se pelo paroxismo que, nos termos de Jean Baudrillard, antecede a conclusão (Ribeiro, 2022, p. 27).

Felipe fala da ameaça como uma força de insistência que se faz presente não na efetividade de uma ação e, sim, na capacidade dos corpos em resistir às capturas normativas e colonialistas do heteropatriarcado em uma produção constante de vitalidade. Vitalidade que na qualidade intensiva das experiências e do desejo não nos deixa apaziguar conflitos.

Por sua vez, Jota Mombaça em seu livro “Não vão nos matar agora” discorre sobre o monopólio da violência como uma ficção de poder que insiste em neutralizar os conflitos quando a própria justiça reflete a lógica moderno-colonial de apaziguamento e extermínio de pessoas negras e pobres.

O poder opera por ficções, que não são apenas textuais, mas estão materialmente engajadas na produção do mundo. As ficções de poder proliferam junto a seus efeitos, numa marcha fúnebre celebrada como avanço, progresso ou destino incontornáveis [...] Além de uma ficção de poder, a neutralidade do sistema de justiça – que torna moral e politicamente plausível o monopólio da violência – é um mecanismo de alienação dos conflitos, que isola as pessoas neles implicadas dos seus processos de resolução (Mombaça, 2021, p. 65 e 66).

Para Mombaça se faz urgente devolver aos corpos o poder de criar ficções como forma de combater o domínio totalizante das ficções de poder e, assim, reinventar mundos fora da lógica patriarcal e colonial:

Liberar o poder das ficções do domínio totalizante das ficções de poder é parte de um processo denso de rearticulação perante as violências sistêmicas, que requer um trabalho continuado de reimaginação do mundo e das formas de conhecê-lo, e implica também tornar-se capaz de conceber resistências e linhas de fuga que sigam deformando os modos de poder através do tempo (Mombaça, 2021, p. 68).

Talvez nossas Ações não possam de fato impedir que corpos negros e vulneráveis sofram violência, mas podem deformar, enfraquecer e ameaçar o domínio totalizante das ficções de poder ao criarem possibilidades para uma “reimaginação do mundo”, como diz Mombaça. É isso que vejo acontecer quando crianças moradoras do morro dos Macacos se colocam em volta da Figura da GUARDYÃ com seus olhares atentos e suas perguntas constantes, o mesmo se dá com crianças e adultos ao seu redor costurando o manto de proteção para Renata



Souza e fazendo perguntas que envolvem questões raciais, políticas e artísticas. Ou quando mulheres e crianças ao lerem a pergunta “Quem matou Marielle?” inscrita em meu corpo, tecem conversas sobre modos de fazer justiça, relembram sambas, me contam suas histórias e me devolvem lágrimas e sorrisos.

Se, como diz Jota Mombaça, “tudo que está construído precisou, antes, ser imaginado” (Mombaça, 2021, p. 67), costurar um manto de proteção, carregar insistentemente uma pergunta, vestir uma Figura e fazer vigília, são Ações que mobilizam corpos na construção não só de imagens e narrativas contra-hegemônicas como também de novos mundos, onde nosso imaginário político possa ser povoado por “fantasias visionárias que rejeitem o modo como as coisas são” (Mombaça, 2021, p. 78) na realização do mundo por vir.

Com toda minha fúria e meu amor,
Flávia.

Referências

ARAUJO, Ítala Isis de. Costuras errantes. 2021. 197 f.: il. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

ARAUJO, Ítala Isis de; SANTO, Denise Espírito. Feminismos negros: ações estético-políticas na contemporaneidade. RELAEC: Revista Latino-Americana de Estudos Científicos, v. 02, n.07, 2021. Acesso em: 20 jun. 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.46375/relaec.34370>

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MOMBAÇA, Jota. Não vão nos matar agora. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

RIBEIRO, Felipe. Ruminções: a arte de performance entre o prazer e a resistência. Rio de Janeiro: Circuito, 2022.

Recebido em: 30/06/2024
Aprovado em: 17/08/2024